

Entre palestras e oficinas, mestras-tecelãs da nação Huni Kuĩ, do Acre, expõem no Rio trançados, cerâmicas, pinturas e tecidos inspirados nos desenhos da cobra mítica



Arte e magia da jibóia ancestral

LENA FRIAS

Foi nas profundezas da floresta acreana, em algum ponto do vale dos rios Humaitá, Jordão, Breu e Purus, onde a Amazônia guarda seus mistérios e os espíritos das matas fazem morada, que Siriane, uma índia da nação Huni Kuĩ, encontrou Tumuyã, a cobra jibóia, ancestral mítico de seu povo. Encantada, Siriane viu Tumuyã transformar-se num belo moço cor de cobre, cuja pele mantinha os desenhos do corpo da cobra. Era tempo de lua nova, quando, sob a magia do chá de cipó nixi pae, os guardiães e mentores da natureza se materializam e ensinam as artes e técnicas das diversas indústrias humanas, bem como rituais, lendas e cânticos. Tumuyã se revelou a Siriane como um ser mágico, o senhor do kene – palavra que, no idioma Huni Kuĩ, o hãtxa kui, da família linguística Pano, significa desenho. Falou também que seu verdadeiro nome era Yube. Contou sobre os tempos remotos da nação Huni Kuĩ – a gente verdadeira – e sobre o dilúvio que cobriu a Terra, transformando muitos deles em seres da floresta. Tumuyã ensinou à jovem índia os 25 kenes – padrões básicos de tecelagem que reproduzem os desenhos da pele da jibóia. Cada um corresponde a uma parte do corpo da cobra e identifica um grupo familiar matricial daquela nação indígena. Siriane foi, portanto, a primeira das mestras do Kene, a que passou a seu povo a sabedoria e a arte da tecelagem, exclusiva das mulheres.

Rosto pintado com mache – que é como esses índios denominam o urucum – a mestra-tecelã Erondina Bimi conta com voz mansa e em ritmo vagaroso as histórias de sua gente. “Aprender é fazer junto, sem nenhuma pressa”, narra em voz baixa, quase monocórdia, enquanto vai recriando no tear cada parte da jibóia mítica, tecendo os pontos de rico desenho e entoando as cantigas de cipó. Mestra Erondina vê através do bawe, um remédio que as avós pingam nos olhos das netas durante a iniciação ao kene. Obedecendo a esse rito feminino tradicional da tribo, a avó abriu os olhos de Erondina com o bawe e ela fez o mesmo com a neta Bismani. “O bawe serve para a mulher enxergar mais claro o que a jibóia está ensinando. A gente vai tecendo e cantando, chamando a força do bawe”, explica a mestra.

Erundina Bimi e Bismani são duas das mestras-tecelãs que estão no Rio para a exposição *Kene: a arte dos Huni Kuĩ*, que abre hoje no Museu do Folclore Edison Carneiro, no Catete, e fica em cartaz até 27 de junho. São trançados, tecidos, pinturas corporais e fotos assinadas por Cristiane Cotrim – que durante semanas conviveu com os índios. Simultaneamente haverá palestras sobre a cultura Huni Kuĩ e diversas oficinas nas quais as índias ensinarão os processos e a arte da tecelagem.



Cristiane Cotrim



A mestra-tecelã Erondina Bimi (alto) e a índia Socorro (acima) tecem algumas das peças exibidas no Museu do Folclore. Cena do cotidiano (ao centro) flagrada por Cristiane Cotrim incluída na mostra



Carmine Makunari

As oficinas acontecerão no Museu do Folclore, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), na Fundação Progresso e na Pontifícia Universidade Católica do Rio. Mas a agenda tanto de palestras quanto de oficinas ainda está aberta a interessados.

Os Huni Kuĩ vieram ao Rio através do Projeto Jibóia, conduzido pela professora Dedê Maia, do Acre. O projeto – um coletivo em que todas as decisões são conjuntas – tem no seu quadro de orientadores mestres índios como Agostinho Maru, José Matheus Itsairu, Edson Ixã e Samuek Tuji, todos envolvidos no resgate da memória, da arte e da cultura dos índios do alto Amazonas, a que os brancos atribuíram o nome genérico de Kaxinawa. A gênese do

projeto foram as andanças de Dedê Maia, a partir de 1979, como assessora do Programa de Educação da Comissão Pró-Índio do Acre – CPI-AC, ligada à Fundação Nacional do Índio, a Funai. Um projeto tão grandioso quanto de difícil execução: de acordo com Dedê e Cristiane, raras são as instituições, inclusive governamentais, que apoiam projetos ligados à cultura nativa do país. De certo modo, o Brasil, já idoso de 500 anos, ainda não acordou para a sua face índia. “As informações sobre o mundo indígena chegam às pessoas através de retratos estereotipados, como cartões postais exóticos descolados da realidade desses povos tradicionais e da riqueza cultural de que são portadores”, observa Dedê. “Essa exposição, as oficinas e todo o

nosso trabalho tem como objetivo o que os huni kuĩ chamam *yumaki*, palavra que no idioma deles significa “enviar um recado para longe”. Estamos trazendo esse recado, a memória da arte do kene, seus significados, origens, autores, modos de fazer, a variedade de padrões nos desenhos de tecelagem, as tinturas nativas, as artes tradicionais, as lendas. E também a comercialização de objetos tornados ímpares pela marca do kene”. As peças em exposição no Museu do Folclore serão vendidas e o dinheiro repassado às artesãs.

Os Huni Kuĩ formam hoje a população indígena mais numerosa do Acre. São quatro mil pessoas, ao longo dos diversos rios que cortam os vales dos rios Purus e Juruá. Os primeiros contatos desse povo com a

sociedade nacional se deram através dos traumáticos e violentos encontros com as frentes extrativistas da borracha, cujos seringueiros trataram de exterminar ou escravizar os índios e destruir sua cultura. Até hoje muitos deles trazem tatuadas no corpo as iniciais dos donos de seringais. O Projeto Jibóia – juntamente com outras organizações indigenistas não-governamentais, como a Comissão Pró-Índio do Acre, a União das Nações Indígenas e o Conselho Indigenista Missionário, procura recuperar essa cultura. É esse o caso do kene, a tecelagem realizada pelas mulheres, cujos traços são inspirados nos desenhos do corpo da jibóia.

Apesar da visão atual mais pragmática, com vista à comercialização de peças com padronagem kene, as artesãs continuam a prezar o mito e as tradições de seu povo. Aprendem com as mais velhas que os kene descendem do ancestral encantado Yube, avatar da cobra jibóia. De acordo com o pesquisador huni kuĩ Agostinho Maru, “Yube é a identidade, a força e a proteção do Huni Kuĩ. Yube é o dono do kene e foi ele quem nos deu o kene. Eu descobri todas essas coisas tomando cipó”. Ou seja, o conhecimento vem do consumo ritualizado da bebida preparada com o cipó nixi pae, através da qual os descendentes de Yube podem entrar em contato com a jibóia. Para Maru, “tudo na natureza tem espírito, que na nossa língua nós chamamos *yuxim*. A mulher quando trabalha com kene, lida com vários *yuchim*: da água, do fogo, da palha para tecer, da folha para tingir o algodão – que é onde tudo começa. O kene é o espírito visível de todas as forças da natureza. Nós podemos conversar e trabalhar com outros *yuchim* porque nós também temos *yuchim*. Ele está no olho, por isso podemos ver.”

É um grande programa, portanto, ir ao Museu do Folclore Edison Carneiro para ver e ouvir Erundina Bimi e Maria do Socorro Bismani – avó e neta, contando sua lenda na lida do tear. Ver e entender o kene que se exprime nos desenhos das tecelãs, na cestaria amazônica, nos corpos pintados com o alaranjado do mache – o urucum, o vinho do iapa – o murici, o cinza do ashe bitxi – o mulateiro, o amarelo do manirari – o assa-flo, o roxo da muka himea, as cores e os desenhos trazendo de volta, sob a luz da lua nova, o Tumuyã Yube – a cobra jibóia, o moço tatuado que está na origem dos índios Huni Kuĩ. Ver e entender que são histórias brasileiras, que todos precisamos amar e entender, a fim de entendermos a nós mesmos. A jibóia Huni Kuĩ poderá ensinar muito mais quando Dedê Maia não precisar – como vem acontecendo – implorar a museus e instituições culturais apoio e financiamentos para o Projeto Jibóia. Quando a bela arte indígena brasileira não for mais recebida com desdém pelos gestores da cultura como lamentavelmente ainda ocorre.